

08/01/2020

Entre pessoas e palavras

Annibal Coelho de Amorim

[Médico. Doutor em Saúde Pública]

Muitos estudiosos se dedicam ao poder que as palavras detêm. Foucault se inclinou sobre o poder do discurso; Gergen descreve os efeitos colaterais da linguagem do déficit na cultura; Blikstein analisou aspectos meliorativos e pejorativos das palavras na fabricação da realidade; Bardin demonstra o método da análise de discursos, estes são apenas alguns dos exemplos sobre a temática. No início de um novo ciclo - ainda que os anos mantenham uma certa redundância de fatos e circunstâncias - o par de oposição das palavras laços e nós despertou em mim o desejo de examinar como cada uma delas pode revelar aspectos caracteriológicos na relação das palavras e as pessoas. À primeira vista, tendemos a subsumir de que existe uma estreita ligação entre as palavras utilizadas por pessoas e determinados aspectos dos seus comportamentos cotidianos, mas acredito que existem determinadas nuances que gostaria de esclarecer. Sabemos que, nem sempre, as palavras utilizadas por determinados indivíduos podem revelar o verdadeiro significado de suas intenções.

Quando este aspecto é, por exemplo, aplicado a grupos o problema se multiplica porque independente de classe social, gênero, faixa etária, etc, os valores que atravessam um coletivo variam bastante. Simplificando: determinadas pessoas são conhecidas por seu caráter mediador o que nem sempre se expressa pelas palavras que utiliza em seu dia a dia.

Outros, na contramão deste argumento, são reconhecidos pelo caráter destrutivo de suas ações, por vezes refletido no conteúdo de uma simples frase que pronunciam. Sem nos aprofundarmos nos intrincados significados filosóficos da expressão “penso, logo existo”, podemos propor que grande parte dos valores positivos da existência humana em contextos sociais é mediatizada pela linguagem que um indivíduo utiliza como “resultado do que pensa”.

Deixemos de lado, momentaneamente, os conteúdos simbólicos aos quais Freud e outros estudiosos da psicanálise dedicaram grande atenção, para revelar aspectos deste “pensar e existir”. Me inclino ao exame de “pessoas como texto”, como costuma referir Kenneth Gergen, porque isto facilita a tarefa a que me proponho neste momento: “pessoas como laços” e “pessoas como nós”. A acepção dos laços sociais que conseguimos construir é mais facilmente assimilável, enquanto que a dimensão dos nós, das amarras requer um maior aprofundamento, que não pretendemos examinar neste texto. Em uma mensagem que o “acaso” acaba de materializar diante de mim, vejo que as palavras respeito, direitos, transparência, consciência, valores, ética, por exemplo, têm uma importante função moral em nossas sociedades (elas são tantas) e nos ciclos de humanidade que vivenciamos, ora mais próximos do que entendemos como civilização, ou no extremo oposto, o da barbárie.

“Pessoas como laços”, que expressam sua existência interior como parte de uma tarefa de aproximação, da construção de pontes e diálogos, cumprem a função moral indispensável ao processo civilizatório. Outros, infelizmente, se dedicam a amarrar, a apertar os nós que “esganam” em muitos aspectos as frestas de luz que devem permear os relacionamentos sociais. Estes últimos funcionam de forma amoral e pouco se importam se os seus gestos ou suas palavras têm papel próximo da barbárie. Muito do que temos vivenciado em várias partes do planeta apontam para um processo em que grupos de “pessoas como nós” sentem-se à vontade para difundir seus “valores” sem qualquer preocupação os seus gestos ou palavras irão contribuir para um esgarçamento do frágil tecido social que nos cobre.

Não há, por parte destes últimos, qualquer gesto de “desatar nós”, pelo contrário “quanto mais apertado melhor” (pobres criaturas). O novo ciclo humanitário que se abre nos impõe um papel crucial no que denomino da função moral da comunicação como um elemento civilizatório, opondo-se com sensibilidade ao caráter bárbaro que insiste em se difundir entre indivíduos que “pensam e existem como seres primitivos”. Deixemos de lado os preceitos religiosos e as justificativas ideológicas que alguns destes seres abjetos utilizam para justificar os seus atos ou palavras.

Devemos buscar formas de identificar mais e mais “pessoas como laços” que sintam-se à vontade para estabelecer novos movimentos civilizatórios entre pessoas e palavras.

Nos labirintos da existência humana não existem sempre mil oportunidades para enfrentar os riscos de uma crise sem precedentes que nos jogue de vez nas valas rasas de “uma existência vazia”, qualquer que seja o sentido epistemológico ou filosófico que queiramos atribuir as palavras existência e vazia. Um profeta das ruas - não são profetas todos aqueles que falam com o “comum de todos”? - de sobrenome “gentileza”, pregava entre pessoas com palavras que representavam, a seu modo, a forma gentil de “desatar nós” que nos afastam de uma existência mais significativa.

No momento em que, “pseudo profetas” do caos espalham o ódio e a intolerância como armas da barbárie, “pessoas como laços” são necessárias ao papel civilizador em sociedade, antes que lancem mão barbárica do “existo, sem pensar” entre pessoas e palavras. Mais do que nunca, torna-se vital apostar que “gentileza gere gentileza” ... Se, de fato, estamos entre pessoas e palavras, o que esperar de “pessoas como laços” e “pessoas como nós”? Que encontrem o caminho do meio que nada mais é do que a paz interior. Uma outra palavra? Sim.

Paz como palavra dentro do coração é a mansidão tão desejada e para tantos inalcançável porque não a colocam em ação.

Paz é mais do que uma palavra entre pessoas, é um propósito superior. É a única palavra entre pessoas que tem o poder de, ao mesmo tempo, desatar nós e criar laços. Paz como ação é uma síntese entre pessoas e palavras, presente entre os antigos escritos como a representação daqueles “mansos de coração”, porque operam a verdadeira transformação que supera os limites do “penso, logo existo”.

Onde há a paz interior nada abala a existência, nada é questionado pelo intelecto.

continua

<p>Entre pessoas e a palavra paz como o significado de existência cessam os duelos dos extremos (nós e laços) porque se atinge o existir com propósito. Quando impera a paz desaparecem as fronteiras e as amarras que nos impedem de alcançar que esta palavra, finalmente, nos seja revelada. Os mestres em ascensão - ato ou efeito de ascender; ascendimento, elevação; qualidade ou estado do que está em ascendência, movendo-se para cima, elevando-se - sabiam que estamos caminhando entre pessoas e palavras, para discernir o real significado da existência humana. Muitos - Jesus, Buda, Gandhi - alcançaram a chamada iluminação interior que representa a conjunção maior do existir sem questionamento, onde impera a palavra reveladora da Paz. No dia mundial da Paz, muitos dão-se ao trabalho de descobrir exteriormente a paz, que somente pode ser alcançada aos poucos interiormente, unindo o sentido das palavras e as aproximando verdadeiramente das pessoas que mais necessitam de uma existência pacífica, por meio de gestos que combinem com sua realidade interior ...</p>	<p>Será que existe realidade exterior ???</p> <p>“Bem aventurados os mansos de coração (ou de espírito), porque eles herdarão a terra” (o plano terrestre), aponta Mateus 5: 3-10, ou “aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração; e encontrareis descanso para as vossas almas” (o plano espiritual), como expresso pelas palavras de Mateus 11:28-30. Assim caminha a humanidade entre estes dois planos, o terrestre e o espiritual, expondo-se aos mais diversos rituais em fechamento e abertura de ciclos. Milhares, convocados em pompa e circunstâncias pelos “artifícios dos fogos”, buscam fora o que deveriam encontrar dentro de si mesmos, a renovação, a fé, um pouco da humanidade a qual deveriam se ater.</p> <p>Mas como a caminhada perdura, quem sabe consigamos encontrar as palavras e as pessoas certas, no reinício ansiado deste ciclo que se aventura entre nós.</p> <p>Caminhemos entre pessoas e palavras ...</p> <p style="text-align: center;">■■■</p>
<p><i>OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.</i></p>	